

## Um folk-Foucault?

---

A folk-Foucault?

¿Un folk-Foucault?

### Atilio Butturi Junior

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil)

[atiliobutturi@ufsc.br](mailto:atiliobutturi@ufsc.br)

<https://orcid.org/0000-0002-9985-2259>

### RESUMO

O que tentarei estabelecer adiante, se Michel Foucault não era um linguista, é que tampouco poderia ser considerado um *outsider* ou um pensador *naif* da linguagem. Estritamente, ele tem textos dedicados diretamente à constituição do campo estrutural da linguagem, textos sobre a inscrição da linguagem como literatura, textos metodológicos que se dispunham a enfrentar o problema da linguagem e do discurso, textos em que a linguagem é lida como um dispositivo de hermenêutica de si ou de subjetivação. É esse lugar ocupado por Michel Foucault que me interessa, inicialmente, para produzir o questionamento que move este escrito: em que medida há uma questão folk em Foucault, levando em consideração os espaços institucionais de onde falava e a constituição de seus saberes sobre a linguagem e a língua?

**PALAVRAS-CHAVE:** Michel Foucault; Linguística Popular; Não Linguistas.

### ABSTRACT

---

\* Sobre o autor ver página 117.



*What I will try to establish later, if Michel Foucault was not a linguist, is that neither could he be considered an outsider or a naive thinker of language. Strictly speaking, he has texts dedicated directly to the constitution of the structural field of language, texts on the inscription of language as literature, methodological texts that were willing to face the problem of language and discourse, texts in which language is read as a device of language. hermeneutics of self or subjectivity. It is this place occupied by Michel Foucault that interests me, initially, to produce the question that moves this writing: to what extent is there a folk question in Foucault, taking into account the institutional spaces of which he spoke and the constitution of his knowledge about language is the language?*

**KEYWORDS:** *Michel Foucault; Folk Linguistics; Non-linguists.*

#### **RESUMEN**

*Lo que intentaré establecer más adelante, si Michel Foucault no fuera lingüista, es que tampoco se le podría considerar un forastero o un ingenuo pensador del lenguaje. En rigor, tiene textos dedicados directamente a la constitución del campo estructural del lenguaje, textos sobre la inscripción del lenguaje como literatura, textos metodológicos dispuestos a afrontar el problema del lenguaje y el discurso, textos en los que el lenguaje se lee como dispositivo del lenguaje. hermenéutica del yo o subjetividad. Es este lugar que ocupa Michel Foucault el que me interesa, en un principio, para producir la pregunta que mueve este escrito: hasta qué punto hay una pregunta popular en Foucault, teniendo en cuenta los espacios institucionales de los que habló y la constitución de sus conocimientos sobre el lenguaje. es el idioma?*

**PALABRAS-CLAVE:** *Michel Foucault; Lingüística popular; lingüistas populares.*

## **1 Introdução**

Começo este texto por Foucault, na deriva, a partir de Giorgio Agamben. É dele que tomo – de seu *Elogio da Profanação* – os liames (este substantivo tão caro a Foucault) entre a linguagem, a linguística e uma perspectiva *folk*. Então, vejamos: Agamben está a explicar o conceito de profanação, para então descrever a forma do capitalismo avançado, que inclui a linguagem e que não permite mais o profanar, assim como o museu que toma o lugar do templo ou como a pornografia. A linguagem, tornada consumo e controle, passa à categoria daquilo que se aventa como tarefa: profanar o já improfanável.

Profanar é, como se sabe, um verbo caro à perspectiva de Agamben. Sua leitura é filológica e diz respeito à antinomia como a religião. Se, pois, religião e profanação estabelecem uma espécie de agonismo, isso pode ser lido na etimologia: *religare* não é a origem feliz da religião que liga, mas sim *relegere*, “[...] que indica a atitude de escrupulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação “o “reler”) perante as formas – e as fórmulas – que devem observar [os homens]” (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Trata-se, pois, de uma operação que é de cisão: coisas sagradas eram as que pertenciam aos deuses e eram interdadas aos usos humanos; profanar,

tornar algo profano, era a operação de devolver ao homem a possibilidade dos usos: “Puro, profano, livre dos nomes sagrados, é o que é restituído ao uso comum dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65). Comum, *ordinário*, é aquilo que por rito pode ser recuperado dos deuses, desencantado num “contágio profano”.

Profanar e sacralizar são operações que ajudam Foucault a explicar, em *As palavras e as coisas*, no deslocamento da Idade Clássica para a modernidade, aquilo que a linguagem carrega de esforço autotélico:

Desde a idade clássica, comentário e crítica opõem-se profundamente. Falando da linguagem em termos de representações e de verdade, a crítica a julga e a profana. Mantendo a linguagem na irrupção de seu ser e questionando-a em direção do seu segredo, o comentário se detém perante o caráter íngreme do texto prévio e dá-se a tarefa impossível, sempre renovada, de repetir em si seu nascimento: sacraliza-o. Essas duas maneiras de a linguagem fundar uma relação consigo mesma vão entrar doravante numa rivalidade de que ainda não saímos (FOUCAULT, 2000 [1966], p. 112).

Às duas maneiras de capturar a linguagem, a crítica ou o comentário, Mallarmé e a literatura teriam oposto uma linguagem segunda, cuja força de irrupção teria sido contida pela dependência existente – mesmo na literatura – em relação à representação. É essa indecisão que funda um problema, segundo Foucault. É ela também que descreve uma preocupação de Foucault até o início da década de setenta do século XX, que diz respeito a uma linguagem e a um discurso.

Quero, aqui, tomar essa “linguagem segunda” como ponto de partida para uma leitura profanatória da linguagem em Foucault que, de certo modo, já inventariei em dois textos (BUTTURI JUNIOR, 2016, 2018). Desta feita, segundo outro elogio à profanação, realizado por Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau (2019, 2008) que se dedicam às “práticas linguísticas profanas”, produzidas não no interior da disciplina linguística, mas por “não linguistas” que designam, avaliam e interpretam os fenômenos de linguagem. O que está em jogo, então, é: i) pensar em que medida um saber ou um conhecimento linguístico especializados são dispositivos de poder e exclusão; ii) como a positividade dos saberes pode se relacionar com o edifício canônico do campo da linguística; e iii), como essas relações são da ordem da profanação, já que requerem uma instância científica perene e apartada e outra, ordinária e comum, cujos rituais não são muitas vezes capazes de desfazer a separação dada.

Ora, como tentarei estabelecer adiante, se Michel Foucault não era um linguista, tampouco poderia ser considerado um *outsider* ou um pensador *naif* da linguagem. Estritamente, ele tem textos dedicados diretamente à constituição do campo estrutural da linguagem (em *As palavras e as coisas*), textos sobre a inscrição da linguagem como literatura (entre os quais o seu *Roussel* e *O belo perigo*, sobre os quais me deterei), textos metodológicos que se dispunham a enfrentar o problema da linguagem e do discurso (ao menos em *A arqueologia do saber*), textos em que a linguagem é lida como um dispositivo de hermenêutica de si ou de subjetivação (por exemplo, em *Malfazer, dizer verdadeiro, O cuidado de si e dos outros, A coragem da verdade*). É patente ainda sua erudição e a discussão que travou com o momento estrutural francês e sua decadência, do qual fez parte – era, em suas

palavras, um “coroinha” do estruturalismo (BUTTURI JUNIOR, 2009) – e no interior do qual pensou a linguagem como questão definidora do pensamento contemporâneo.

É esse lugar ocupado por Michel Foucault que me interessa, inicialmente, para produzir o questionamento que move este escrito: em que medida há uma questão *folk* em Foucault, levando em consideração os espaços institucionais de onde falava e a constituição de seus saberes sobre a linguagem e a língua?

Minha hipótese está ligada à da ataraxia, essa forma de ausência de luta com que, segundo Agamben (2007), nos vemos impelidos a viver. É diante de uma ataraxia, qual seja, o congelamento da discussão sobre a linguagem na representação assumida pelo filósofo é que lerei a transversalidade de Foucault e a constituição de uma “segunda via” positiva para pensar a linguagem. Para tanto, me centrarei sobretudo na produção da década de sessenta, época dedicada às investigações arqueológicas na qual a linguagem ocupava a cena de modo mais relevante.

Antes de passar ao texto, duas ressalvas: primeiro, a leitura *folk* que estabeleço parte do continuum de posições possíveis diante da especialização e das modalidades distintas de um saber *folk* sobre a linguagem, conforme apontados por Achard-Bayle e Paveau ([2008] 2019) e sobre os quais me deterei na próxima seção; depois, levando em conta a relação entre linguística *folk* e epistemologia *folk*, é mister entender que Michel Foucault, ainda que colocando em xeque a epistemologia com sua arqueogenealogia, não pode ser entendido como um epistemólogo *folk*, nos termos de Heintz e Taraborelli (2010): ainda que rompa com a normatividade (ver BUTTURI JUNIOR, 2008 a partir de Roberto Machado), Foucault certamente atuou na senda da discussão acerca dos limites do conhecimento e da produção da verdade, no interior disciplinar da Filosofia. Isso implica pensar, novamente, os limites da categorização *folk*, delimitando seu escopo como profanação.

Ressalvas feitas para responder à pergunta sobre um Foucault *folk* possível, o texto está dividido em três partes: na primeira, mais breve, descrevo um modelo de *folk linguistics* habitável pelo filósofo francês; na segunda, descrevo a segunda via para pensar a linguagem, não-científica e profanadora de Foucault, segundo a ordem do discurso e da morte. Por fim, as *Considerações Finais* pontuam algumas das chaves de leitura de um *folk*-Foucault.

## 2 Um saber *folk*?

Minha intenção não é, aqui, me deter numa teoria geral da linguística popular-*folk*. Gostaria, do contrário, de estrategicamente me voltar para duas questões afetas ao problema que levanto, qual seja, do “pertencimento” de Foucault ao campo. Para tanto, recorro a duas discussões: a primeira, sobre as dimensões possíveis de uma linguística *folk*; a segunda, sobre as posições de sujeitos que constituem um saber – ou vários deles – ordinários sobre a língua e a linguagem.

Antes disso, gostaria de tomar Achard-Bayle e Paveau (2019) para: lembrar que há uma série de pesquisas anglo-saxônicas sobre o *folk* e que, na França, o debate data do início dos anos dois mil; que nessas duas tradições há,

ainda, uma disputa em torno dos sentidos de *folk*, que recobre o popular, o espontâneo, o inexperiente, profano ou o ordinário – ou uma linguística do senso comum. Já em 2004, Beacco (2004) apontava para a diversidade do território, cujo marco temporal teria sido a conferência de Henry Hoenigswald, em 1969, na UCLA, no âmbito das discussões sociolinguísticas (BEACCO, 2004; NIEDZIELSKI; PRESTON, 2000; ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2019) e que dizia respeito aos modos pelos quais as pessoas usavam a língua, reagiam a esses usos e refletiam, epilinguisticamente, sobre eles. Ora, neste artigo estou usando como sinônimos conceitos tão distintos quanto popular, folk, comum e ordinário. Gostaria, porém, de esclarecer que, ao pensar na relação entre Foucault e o campo folk estarei, como se verá, tomando o conceito de profanação – conforme Achard-Bayle e Paveau e segundo o que já aponte na Introdução.

Isto posto, volto às dimensões da *linguística folk*, que podem recobrir desde questões epistemológicas e teóricas, que exigem uma crítica ao objetivismo e métodos que coloquem em xeque o científico como única abordagem possível, até representações sobre a língua e seus usuários (BEACCO, 2008) e práticas, notadamente, aquelas que têm implicação direta com o ensino e a reflexão sobre a língua (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2019; PRESTON, 2008).

Tomo duas dessas dimensões, a epistemológica e a teórica, a fim de fazer a primeira aproximação com Michel Foucault. Para tanto, recorro ao seu *A arqueologia do saber* que, como se sabe, é uma espécie de livro-método, se o entendermos na própria condição de negação metodológica exigida por Foucault, para quem um método não estava delineado e apareceria apenas como um horizonte possível, jamais executado. Ora, Foucault (1969; [1969] 2012) produziu sua arqueologia como uma forma de contemplar o estudo daquilo a que chamou de positivities, que não funcionavam como disciplinas e nem tinha o estatuto de ciências, mas que mantinham com ambas várias formas de relacionamento e dependência. As positivities, em Foucault, não se desenhavam como pseudo-ciências ou estratos pré-científicos mais arcaicos, mas constituíam regularidades organizadas da ordem do saber. A arqueologia, então, “[...] percorre o eixo prática discursiva-saber-ciência” (FOUCAULT, [1969] 2012, p. 220).

Foucault vai diferenciar, então, *domínios científicos e territórios arqueológicos*. Quanto aos primeiros, ele pouco dirá. Já quanto aos territórios, ficamos sabendo que são aqueles que dependem das mesmas regras de formação e que podem, além de textos considerados científicos, ser formados por textos “literários” ou “filosóficos” (FOUCAULT, [1969] 2012, p. 221). Se lembrarmos que a *Arqueologia...* é iniciada com uma crítica às falsas unidades e que Foucault considera aceita-las apenas na condição de questioná-las, desfazê-las e recolocalas (FOUCAULT, [1969] 2012, p. 32), estamos diante de práticas bastante específicas, que requerem, inclusive, que não se tome os modelos matemáticos como modelo – um mau exemplo, porque é justamente a matemática a “[...] única prática discursiva que transpôs de uma só vez o limiar da positividade, o da epistemologização, o da cientificidade e o da formalização” (FOUCAULT, [1969] 2012, p.227), segundo a ordem de uma descrição de autonomia crescente.

Se a matemática ocupa um espaço enigmático e não analisável, as ditas ciências humanas – que na *Arqueologia* são retomadas sobretudo de *As palavras e as coisas* (biologia, economia política e linguística) – teriam alcançado, no século XIX, o limite de epistemologização e permanecem no “limiar de formalização”

– portanto, são modelares em outro sentido, o de “ciências ‘intermediárias’” (FOUCAULT, [1968] 2005a, p.114). Para esses saberes, Foucault solicita uma *história arqueológica* (e não epistemológica) na qual os saberes e as positivities podem guardar relações mais ou menos autônomas com a exterioridade que lhe é constitutiva.

Certamente, é difícil – como afirmei antes – incluir a arqueologia na categoria de epistemologia *folk*. Porém, é mister marcar que se trata de uma forma de suspeição diante da vontade de verdade cujos efeitos impactam diretamente o regime de objetividade das ciências intermediárias, entre as quais se encontra a linguística. Dito de outro modo, se, como apontam Baronas e Cox (2009, p. 4255), “[a] rigor, a *folk linguistics* designa todo o trabalho sobre linguagem, isto é, os saberes espontaneamente construídos pelos mais diversos atores sociais, que não estão necessariamente fundamentados em uma suposta teoria científica da linguagem”, quero considerar que a arqueologia – e os passos seguintes de Foucault, mesmo os que menos se ocupam da linguagem –, o empreendimento arqueológico poderia ser lido naquilo que contesta em relação à epistemologia e à objetividade.

Todavia, ainda estaria mantido o problema da espontaneidade. Como o Artaud descrito por Paveau (2008, p.98), a investigação de Foucault não era incipiente e seus conhecimentos linguísticos, epilinguísticos e plurilinguísticos eram “[...] largement supérieur à la moyenne des locuteurs.”. Então, proponho pensar Foucault em dois tempos complementares: o primeiro, de produção de uma *démarche* que nega, como apontava Machado (1988), os três pressupostos fortes da epistemologia: a tese da descontinuidade, a tese da recorrência e a tese judicativa. Isso implica em tornar possível uma outra teoria de linguagem, que não dependente dos esforços científicos e mesmo lançando luzes sobre as formas de poder inscritas nos efeitos do científico – e de suas exclusões, como o popular ou o comum.

Nessa esteira, então, o complemento direto que mencionei é similar também ao de Artaud: a criação de uma outra linguagem, “[...] dont les caractéristiques sont essentiellement le mélange et la transgression du système.” (PAVEAU, 2008, p. 98). Em Foucault – e novamente é preciso parcimônia nas aproximações –, é possível ler a preocupação com essa transgressão, materializada nos enunciados literários e discutida em alguns textos da década de sessenta. Por outro lado, há a descrição possível de ao menos dois modos de tratar a linguagem para além da formalização (e os efeitos do científico): o da escritura literária e aquele de uma arqueologia dos discursos.

Assim, se tomarmos em consideração a discussão sobre quem são os não-linguistas que se ocupam de língua e aquiescermos com Paveau (2008), para quem há muitas posições discursivas diante da linguagem, que vão do “linguista profissional” até o “falante ordinário”, podemos ler Foucault como um não-linguista, mas um acadêmico voltado também à linguagem. Mais profundamente, porém, o que o aproxima de Artaud e dele ao *folk* é a inscrição numa série discursiva que exige outras formas, não científicas ou normativas, para pensar o que se materializa nos vértices entre linguagem, história e sujeito. É da perspectiva, pois, da profanação, que esse *folk*-Foucault aparecerá e é dela que tratarei da seção a seguir.

### 3 Folk-Foucault

Então, vejamos. Foucault dedica uma série de estudos à linguagem, de uma perspectiva que aqui adoto como *folk*-profanatória. Se é uma espécie de consenso que é a literatura o que ocupa o centro dessas preocupações, notadamente na década de sessenta (MACHADO, 2005; SARDINHA, 2010; BUTTURI JUNIOR, 2018), outras formas de aparecimento da linguagem como ponto fulcral das relações de poder, saber e da ética aparecerão ao longo da sua trajetória. Assim é que veremos tanto uma problematização das práticas discursivas e da função enunciativa quanto, mais tarde, uma relação da linguagem nas práticas de confissão e nas práticas éticas, notadamente na parrêsia (FOUCAULT, 2014, 2013, 2011, 2009a).

Não me voltarei ao itinerário da linguagem nos estudos foucaultianos, que merecem ainda uma pesquisa acurada. Todavia, quero apontar para a descrição de uma problemática tripartida sobre a linguagem, que o filósofo já aponta na década de sessenta, como alternativa aos modos científicos da linguística. Sob tal viés, dois textos são fundantes: *As palavras e as coisas* e a própria *A arqueologia do saber*. Detenho-me, inicialmente, no primeiro, talvez o texto mais próximo de uma filosofia da linguagem, transmutada em arqueologia, que elabora uma história arqueológica dos deslocamentos que tornaram o saber sobre a língua um determinante da constituição do sujeito – que fala, vive e trabalha. Como um não linguista, porém, Foucault trava com os saberes sobre a língua e a linguagem relações estratégicas a fim de defender a hipótese de que é o estruturalismo um ponto de chegada, como dirá em algumas de suas entrevistas da época:

Penso que atualmente o estruturalismo se inscreve no interior de uma grande transformação do saber das ciências humanas, que essa transformação tem por ápice menos a análise das estruturas do que o questionamento do estatuto antropológico, do estatuto do sujeito, do estatuto do homem. E meu método se inscreve no quadro dessa transformação da mesma forma que o estruturalismo – ao lado dele, não nele (FOUCAULT, [1969] 2005b, p. 152).

Não me deterei aqui nas muitas idas e vindas de Foucault em relação ao estruturalismo, que “ladeia” – até o ponto de declarar, na aula inaugural do *Collège de France*, “E agora, os que têm lacunas de vocabulário que digam – se isso lhe soar melhor – que isto é estruturalismo” (FOUCAULT, [1970] 1999, p. 70). Interessa-me pensar na tática de aparecimento da autonomia que caracteriza o século XIX tanto nos saberes sobre a língua e a linguagem quanto nos da economia política e da biologia. Conforme Michon (2014), nas notas preparatórias para *As palavras...*, uma diferença não irrelevante no tratamento da informação diz respeito ao número reduzido de fichas relativas ao século XIX na linguagem (Bopp, Schlegel, Bréal e Grimm), que soma 14 – “[...] em comparação com 366 fichas consagradas aos dois períodos anteriores” (MICHON, 2014, p. 89) e a ausência de um estudo detalhado sobre Humboldt.

Para Michon, não se trata de uma lacuna de erudição ou de uma falha, mas de uma estratégia clara: o século XX é pouco documentado porque o rompimento que realiza com a representação das gramáticas gerais inaugura um

solo comum de autonomia, fundando uma linguística da língua: “A partir do século XIX, a linguagem se dobra sobre si mesma, adquire sua espessura própria, desenvolve uma história, leis e uma objetividade que só a ela pertencem. [...]” (FOUCAULT, [1966] 2000, p. 409). É essa possibilidade de ascender ao limiar que Foucault lê o “evento epistêmico” que possibilita, no frígido dos ovos, o acontecimento estruturalista (MICHON, 2014) – com o qual, inclusive, encerra *As palavras e as coisas*.

Ora, o que chama atenção dessa estratégia é justamente o tratamento da linguagem e da história dos saberes linguísticos voltados não à ciência, mas à produção de uma “segunda via”. É no livro que Foucault vai estabelecer, desde a autonomia da linguagem do dezenove, o “desaparecimento do Discurso” (FOUCAULT, [1966] 2000, p.423). Escrito em maiúsculas, esse Discurso corresponderia ao papel de uma lógica universal que operava nas gramáticas da representação clássica e cujo lugar teria sido ocupado por um saber em que a linguagem passa a ser lida sob o viés científico (por sua autonomia), pelo exegético (porque as ciências humanas, desde Nietzsche e Marx se tornam uma forma de filologia, como crítica) e pelo literário (o limite dos dois primeiros, que expõe as fissuras de toda objetividade).

É nessa tripartição que encontro, pois, o esforço profanatório de Foucault, como aventei anteriormente, ainda inscrito na relação entre a crítica e o comentário, herdeira da representação. Na tripartição que elabora, o autor vai se voltar à produção de outros modos de pensar o exegético e o literário – e marcar sua posição exterior ao científico dos especialistas linguísticos –, porque desde o século XIX “[...] o ser da linguagem achou-se como que fragmentado.” (FOUCAULT, [1966] 2000, p. 422). A essa dramática da linguagem em dispersão, que aparece com Mallarmé e com Nietzsche, ele não dá uma resposta, mas aponta para uma abertura: o Retorno nietzscheano diz respeito a uma plenitude, esse acabamento, ou apenas à fragmentação derradeira da unicidade sonhada nas gramáticas? A resposta de Foucault é sintomática – “É verdade que a essas questões eu não sei responder” (FOUCAULT, [1966] 2000, p. 423) – e aponta para seus empreendimentos seguintes: pensar o funcionamento de uma linguagem não-exegética, tarefa da arqueologia; pensar a literatura nos limites da morte, tarefa da literatura.

É sobre esses dois modelos alternativos em relação à formalização e disruptivos diante da própria autonomia estabelecida no século XIX que me ocupo nas subseções a seguir.

### 3.1 Na ordem dos discursos

Em muitos de seus textos e entrevistas da década de sessenta, Michel Foucault se voltaria à cisão entre o literário e o discursivo. Contra a “ilusão formalizadora” (FOUCAULT, [1968] 2005a, p.115), a teria dos discursos marcava-se pela imposição de outra modalidade de açambarcar a diferença entre os fatos do discurso e a língua, objeto da uma ciência específica: “[...] **Meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo**, a existência acumulada dos discursos.” (FOUCAULT, [1967] 1994, p. 623).

Quero apontar dois momentos dessa distinção feita em relação à ciência linguística. O primeiro, da *Arqueologia*, quando ele separa uma análise da língua



de uma análise do discurso, segundo a questão que as alimenta. Assim, enquanto ao linguista profissional, diria aqui, cabe questionar quais são as regras de criação de sentenças infinitas, ao arqueólogo cabia a pergunta sobre o que torna possível o surgimento de um enunciado e não de outro. Na mesma medida em que se distingue dessa análise linguística autônoma, herdeira do século XIX e descrita conforme o estruturalismo então em vigor, a descrição dos discursos se opõe à análise do pensamento, negando a relação alegórica do discurso e ocupando-se das condições de existência para enunciados possíveis (FOUCAULT, 1969).

Dessas duas cisões, interessa-me a espessura com que o limiar do discurso aparece, justamente naquilo que ele exige de dissolução da autonomia do sistema – que, como vimos até aqui, é o grande deslocamento com que o filósofo trabalha. Contra a exegese, Foucault vai exigir formas de regularidade que só ocorrem em vários vértices e em várias relações – palavra repetida à exaustão no texto. O enunciado e o discurso, assim, não podem ser esgotados nem na língua e em sua organização interna, tampouco num sentido. São uma teia de acontecimentos e jogos de relações que devem ser perscrutados:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos **não é tentar reestabelecê-lo em um isolamento** que nada poderia superar: **não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre** para descrever, **nele e fora dele**, jogos de relações (FOUCAULT, [1969] 2012, p. 35, grifos meus).

Atento para os grifos: *superar o isolamento, tornar livre, descrever o fora*. Se há, na *Arqueologia*, uma história de autonomização, ela só pode ser lida na condição de produção de outro modo de pensar a linguagem, para além do sistema. Como acontecimento e relação, o discurso deve ser lido como deslocamento da tarefa exegética da linguagem, anunciada em *As palavras e as coisas*, desde que rompendo com a autotelia de sua constituição. Dir-se-ia, na condição de profanação daquilo que mantinha a linguagem no âmbito da busca pela univocidade e, portanto, na aposta da fragmentação. Na *Arqueologia*, aliás, essa fragmentação responde pelo nome de acontecimento e inaugura uma problematização dos liames entre linguagem e poder, questão que o discurso coloca “desde sua existência” (FOUCAULT, [1969] 2012, p. 148-149).

O segundo momento de discussão metateórica encontro em *A ordem do discurso*. Depois de descrever a rarefação dos discursos por meio de procedimentos internos, externos e relativos ao sujeito e depois de apontar os princípios de inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade de sua pesquisa, Foucault novamente dá a ver o seu deslocamento em relação à formalização linguística – de forma talvez mais contundente. Ao retomar o problema do acontecimento discursivo, ele se coloca em oposição à consciência e à continuidade, como fizera na *Arqueologia*, e afirma, ainda, que suas questões “[...] não são também as do signo e da estrutura” (FOUCAULT, [1970] 1999, p. 56). Solicita, então, uma “teoria das sistematicidades descontínuas” (p. 59), assumindo o “tríplice perigo” constituído pelo “[o] acaso, o descontínuo e a materialidade” (p. 59).

Ora, o conjunto arqueológico e o conjunto genealógico que aparecem – e acabam por transformar a discussão de Foucault em relação à linguagem – demandam não apenas o rompimento com o sistemático e a recusa estrutural

(essa lacuna em que se insiste em enquadrá-lo), como atestam uma outra genealogia. Assim, Dumézil aparece entre os agradecimentos por permitir um afastamento tanto da formalização quanto da exegese: “[...] foi ele que me ensinou a analisar a economia interna de um discurso de modo totalmente diferente dos métodos de exegese tradicional ou do formalismo linguístico. (FOUCAULT, [1970] 1999, p. 71).

Eis que Michel Foucault, nessa viragem arqueogenealógica, profana os saberes linguísticos do lugar em que fala e de onde exige a fragmentação lida em Nietzsche. Mais do que isso, oferece uma via alternativa para inteligir os fenômenos que têm na linguagem sua topologia inescapável, mas jamais passível de totalização – nem na formalização, nem na exegese. Nesse deslocamento, gostaria de me deter ainda um instante, para tratar sucintamente do lugar que ocupa a literatura – o que faço na próxima subseção.

### 3.2 Na ordem da morte

Em outro texto (BUTTURI JUNIOR, 2018), descrevi a presença da literatura em Foucault de acordo com uma “história dos limites” e em seu poder profanatório. Dessa perspectiva, com Câmara Leme (2012), a leitura que propus era a de uma “ausência de obra” que habitava a razão, tematizada muitas vezes por meio da linguagem como transgressão e como acontecimento pré-discursivo. Era assim que, por exemplo, no *Prefácio à Transgressão*, Bataille era descrito como aquele que pensou a linguagem de modo a atentar contra a comunicação e o sistema, como liame entre a morte e a sexualidade (FOUCAULT, [1963] 2009, p. 29): “É esta linguagem, profanatória e que tem lugar na experiência da loucura ou da literatura moderna (Bataille, Blanchot, Sade), relacionada ao trágico nietzschiano: uma linguagem da sexualidade na qual Deus está ausente, uma linguagem que, dionisiaca, exige uma dessubetivação. (BUTTURI JUNIOR, 2018, p. 199)

Mais uma vez, interessei-me sobre este espaço em que a linguagem não se configura nem mais como ciência, nem mais como exegese. Tampouco se coloca como um feliz encontro de uma literatura com o seu cerne, mas como ponto de deriva. Para deslindar seu funcionamento, recorro desta feita a dois textos: uma entrevista a Claude Bonnefoy, de 1968; os textos em que discute a literatura de Roussel.

Vamos ao primeiro. A entrevista se inicia com um Foucault hesitante, que solicita uma invenção: “Seria preciso, portanto, que conseguíssemos encontrar uma espécie de nível de linguagem, de fala, de troca de comunicação que não seja nem exatamente da ordem da obra, nem da explicação, nem tampouco da confidência”. (FOUCAULT, [1968] 2016, paginação irregular). Como em Butturi Junior (2016), o que está em jogo é a possibilidade de sair da condição de estado civil, tomar a palavra de outro modo que não o da norma e o da língua. É aí que a literatura aparece, no modelo da transgressão.

Foucault vai afirmar que não se interessa pela literatura como um sagrado, pela intransitividade iniciada por Mallarmé – como vimos, no movimento que torna possível um saber formal sobre a linguagem. Sei interesse também não se voltava para a estrutura da língua: “[...] me interrogo é sobre o modo de aparição e de funcionamento do discurso real” (FOUCAULT, [1968]

2016, paginação irregular). Como vemos, a tripartição de *As palavras e as coisas* continua a vigorar. Porém, ao mencionar a força da escrita e ao retornar à literatura, Artaud e Roussel aparecem como uma inquietação: como o discurso da loucura de ambos pode ser positivado como literatura? Dito de outro modo, como a escansão entre loucura e sanidade tornou possível um funcionamento positivo de seu discurso literário?

Nesse momento, Foucault começa a falar de Roussel e pondera, a partir dele, um problema que eleger como seu: “[...] o da posição e da função da linguagem louca no próprio interior de uma linguagem regular e normativa.” (FOUCAULT, [1968] 2016, paginação irregular). O que Roussel coloca em xeque é a própria produção de uma literatura, porque sempre fadada à ruína da loucura que a constitui. No limite, inaugura a possibilidade de um limiar similar ao de Bataille, entre a produção de uma segunda via – sacralizada – e de uma experiência trágica que insiste em profaná-la, constitutivamente.

O segundo texto detém-se sobre Roussel. Foucault ([1962] 2015) parte da publicação póstuma de *Comment j’au écrit certains de mes livres* e faz notar que se trata de um discurso de retomada do automatismo, que compõe a série de textos como uma estrutura: “[...] uma linguagem que não quer dizer nada além do que ela quer dizer; a maravilhosa máquina voadora [...]” (FOUCAULT, [1962] 2015, p. 6). Como o Artaud lido por Paveau (2008), o Roussel de Foucault era um inventor de linguagens, positivamente inscrito na literatura. Todavia, o que ensina Roussel é que há um fatntasma a percorrer a sacralização da linguagem literária: é a morte de Roussel que permitiria abrir a porta de seu segredo; porém, é justamente o acontecimento de sua morte – o suicídio em Palermo – que abre um hiato e um barramento: “[...] por um lado, com o aparato impiedosamente descrito de sua repetição e, pelo outro, com sua existência definitivamente inacessível” (FOUCAULT, [1962] 2015, p.10). Daí o “jogo de máscaras” que evoca Foucault: entre a linguagem, o acontecimento de uma vida (e de uma morte) e a máquina de repetição da escritura.

Mais tarde, ao comentar seu livro sobre Roussel, Foucault dirá que sempre o interessou: “A linguagem já-dita, a linguagem como já estando lá [...]” (FOUCAULT, [1984] 2015, p. 421). Se à literatura era dado o papel de instaurar o já-dito como um sistema de relações, também era ela – o caso de Roussel é exemplar – o espaço em que o já-dito tensionava a própria estrutura. Ora, isso equivale a dizer, sustento, que a tripartição sugerida em *As palavras e as coisas* seria, deliberadamente, negada por Foucault em seu percurso. No primeiro caso, pela objetividade fechada em si mesma de um efeito de ciência; no segundo, por uma arqueogenealogia em cujos limites relacionais se instaurava uma política; no terceiro, por uma literatura que não redundava em sacralização de um cerne, mas de deslindamento dos seus limites – até a morte. Nos três casos, como tentei mostrar aqui, segundo a ordem de uma profanação, de um lançar para o uso comum e ordinário do acontecimento.

#### 4 Considerações finais

Neste texto breve, parti de um problema possível: há em Foucault uma vertente de linguista *folk*?

Diante da pergunta, meu itinerário percorreu alguma categorização possível, encontrando na leitura de Paveau (2008) sobre Artaud um espaço

possível para pensar a criação de uma linguagem e a profanação como instâncias *folk*.

Voltei-me, então, a Foucault, descrevendo alguns dos modos pelos quais a linguagem aparece em seus textos. Da fase arqueológica, fiz funcionar então os efeitos da tripartição entre a linguagem como ciência, como exegese e como literatura e observei como, nos três casos, a estratégia de Foucault foi a de colocar em xeque qualquer pretensão de autonomia e de formalização. Dito de outro modo, a língua e a linguagem só aparecem em Foucault na condição de profanação, relacionadas a seus usos, inseridas em práticas relativas a sujeitos, marcadas pelo acontecimento e pela história.

Foucault, como afirmei aqui, certamente era um conhecedor de teorias e metodologia de análise da língua, bem como um leitor da história da linguagem e da filosofia da linguagem. O que ele oferece, todavia, é uma modalidade específica de abordagem que rompe diretamente com as pretensões de universalidade e objetividade. É talvez nesse espaço *fora do templo* que o encontramos, dando a ver os limites de nossa vontade de verdade de especialistas.

## REFERÊNCIAS

ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M.-A. Présentation. La linguistique “hors du temple”. **Pratiques** [en ligne], n. 139-140, p. 3-16, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1171>. Acesso em: 20 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.1171>.

ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M.-A. Linguística popular – a linguística ‘fora do templo’: definição, geografia e dimensões [trad. Roberto Leiser Baronas e Tamires Bonani Conti; revisão de Julia Lourenço Costa]. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4257-4270, out./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4254/42450>. Acesso em: 20 set. 2020.

AGAMBEN, G. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BEACCO, J.-C. De la verve. À la recherche d’un idéal discursif ordinaire. **Pratiques** [en ligne], n. 139-140, p. 129-147, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1214>. Acesso em: 10 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.1214>.

BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Apresentação. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4254-4256, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4254/42450>. Acesso em: 20 set. 2020.

BUTTURI JUNIOR, A. **Metafísica e discurso**: Pêcheux, Foucault e a pós-modernidade. São Carlos: Pedro e João, 2009.

BUTTURI JUNIOR, A. **A autoria, o dispositivo e a ética**: os limites da (des)subjetivação na escrita. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 60, n. 3, p. 507-530, 2016.

BUTTURI JUNIOR, A. (Contra)positivismo, linguagem e resistências. In: BUTTURI JUNIOR, A; SEVERO, C. G. (org.). **Foucault e as linguagens**. Campinas: Pontes, 2018. p.189-216.

CÂMARA LEME, J. L. C. A desrazão, a confissão e a profundidade do homem europeu. In: CANDIOTTO, C.; SOUZA, P. de. **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 23-44.

FOUCAULT, M. *O belo perigo* – Michel conversa com Claude Bonnefoy. Trad. Fernando Scheibe. Edição e introdução de Philippe Artières. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, M. Dizer e ver em Raymond Roussel. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p.1-12. Edição original: 1963.

FOUCAULT, M. Arqueologia de uma paixão. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p. 417-427. Edição original: 1963.

FOUCAULT, M. **Obrar mal, decir la verdad**: función de la confesión em la justicia. Curso de Lovania, 1981. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014. Edição original: 1981.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros** - cursos no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Edição original: 1969.

FOUCAULT, M. **L' archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II - Curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **Le courage de la vérité**: le gouvernement de soi e des autres II, Cours au Collège de France, 1984. Paris: Gallimard, Seuil, 2009a. Edição original: 1984.

FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p. 28-47. Edição original: 1963.

FOUCAULT, M. Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo de epistemologia. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 2.ed. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a. p. 82-118. Edição original: 1968.

FOUCAULT, M. Michel Foucault explica seu último livro. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 2.ed. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b. p. 145-152. Edição original: 1968.

- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5.ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999. Edição original: 1971.
- FOUCAULT, M. Sur les façons d'écrire l'histoire. In: FOUCAULT, M. **Dits et écrits (1954-1988), tome I : 1954-1975**. Édition publiée sous la direction de Daniel Defert et François Ewald avec la collaboration de Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994.
- FÓRUM LINGUISTICO. Dossiê Linguística Popular/ Folk Linguistics (org. Roberto Leiser Baronas e Maria Inês Pagliatini Cox). Florianópolis, v. 16, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>. Acesso em: 20 set. 2020.
- HEINTZ, C.; POUSSCOULOUS, N.; TARABORELLI, D. (ed.). Folk epistemology. **European review of philosophy**, n. 8, 2008.
- MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- MACHADO, R. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MICHON, P. A hipótese estrutural. In: ARTIÈRES, P. *et al.* (org.). Michel Foucault. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 89-94.
- NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. **Folk linguistics**. Berlin, New York: Mouton De Gruyter, 2000.
- PAVEAU, M.-A. Les non-linguistes font-ils de la linguistique? Une approche anti-éliminativiste des théories folks. **Pratiques** [En ligne], 139-140, p. 93-109, dez. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1200>. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.1200>.
- PRESTON, D. R. Qu'est-ce que la linguistique populaire? Une question d'importance. **Pratiques** [en ligne], n. 139-140, p. 1-24, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1176>. Acesso em: 10 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.1176>.
- RAJAGOPALAN, K.; SILVA, F. L. (org.). **A linguística que nos faz falhar – investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004.
- SILVA, F. L. As três leis de Nixon. In: RAJAGOPALAN, K.; SILVA, F. L. (org.). **A linguística que nos faz falhar – investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004. p.79-82.

*Recebido em dezembro de 2020*

*Aceito em maio de 2021.*

*Publicado em 30 de agosto de 2021.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Atilio Butturi Junior** é doutor em Linguística (UFSC/ 2012) e realizou estágio pós-doutoral no IEL/UNICAMP (2014-2015) e na Faculdade de Filosofia da Ciência da Universidade Nova de Lisboa (2017-2018), com bolsa da CAPES-Brasil, sob supervisão do Prof. Dr. José Luís Câmara Leme. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). É líder do Grupo de Estudos do Campo Discursivo.

E-mail: [atiliobutturi@ufsc.br](mailto:atiliobutturi@ufsc.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2259>